IMPORTAR AREIA

Esta história conta-se em Portugal, mas, curiosamente, é conhecida em vários países europeus. Penso que a "família aduaneira" se encarregou de a divulgar e torná-la uma história internacional, quase um *case study* aduaneiro para ser integrado nas lições das alfândegas sobre exemplos tradicionais de fraudes.

Portanto, esta será a versão portuguesa da história e situo-a na fronteira do Caia. Foi assim que a conheci.

Um habitante da raia passava todos os dias na fronteira, a caminho de Badajoz, de bicicleta. Dava ar de quem ia trabalhar e utilizava modestamente a sua bicicleta. Tão corriqueira era esta passagem ao início da manhã que com toda a naturalidade cumprimentava os funcionários quase sem parar.

A meio da tarde regressava com um saco no tripé atrás do seu assento.

Ele próprio parava, abria o saco, cheio de areia, mesmo sem que o funcionário o mandasse parar ou lhe pedisse para abrir o saco. O funcionário olhava, via a areia e mandava-o seguir.

Obrigado. Até amanhã despedia-se ele, educadamente, antes de montar na bicicleta e continuar a viagem.

Sabe-se que um ou outro funcionário, mais curioso do que desconfiado, lhe perguntara para que é que ele queria a areia.

- So doutor - assim se tratavam os funcionários da alfândega fosse qual fosse a sua categoria - ando a fazer uma casita aos bocadinhos e a areia é muito boa e barata.

E durante dias, semanas e meses, o nosso amigo ali passava de manha e regressava à tarde com o seu saquinho de areia na bicicleta. "bagageira" da sua

Talvez porque a sua casinha estivesse a ficar quase pronta ou talvez por outra qualquer razão, começou a passar menos vezes.

Um funcionário aduaneiro, se calhar o mais desconfiado de todos encontrou-o um dia num café de Elvas, cumprimentou-o, meteu conversa e sentou-se ao pé dele.

- Oh meu amigo - começou simpaticamente - desculpe, não leve a mal eu dizer-lhe isso, mas nunca acreditei nessa coisa de ir comprar areia a Badajoz.

Fez uma pausa para ver a disponibilidade do seu interlocutor para uma eventual explicação e continuou:

- O seu negócio não era a areia, tenho quase a certeza. O que é que você traficava? Café? Diamantes? Amêndoas?

O nosso homem olhou-o de alto a baixo, sorriu, lembrou-se, certamente, que já não havia problema em revelar a verdade e respondeu:

- Bicicletas, sô doutor, bicicletas. Todos os dias era uma nova.

"Histórias das Alfândegas", João de Sousa, pp 25-26, ed. Autor, Depósito legal: 367762/13